



**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

MERI NADIA MARQUES GERLIN
(Organizadora)

**COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E
NARRATIVA NUMA SOCIEDADE
CONECTADA POR REDES**

Editora
FCI/UnB 2018



Universidade de Brasília

Reitora

Márcia Abrahão Moura

Vice-reitor

Enrique Huelva Unternbäumen

Decanato de Administração (DAF)

Decana: Maria Lucilia dos Santos

Decanato de Assuntos Comunitários (DAC)

Decano: André Luiz Teixeira Reis

Decanato de Ensino de Graduação (DEG)

Decano: Sérgio Antônio Andrade de Freitas

Decanato de Extensão (DEX)

Decano: Olgamir Amancia Ferreira

Decanato de Pesquisa e Pós-Graduação (DPG)

Decana: Helena Eri Shimizu

Decanato de Pesquisa e Inovações (DPI)

Decana: Maria Emília Machado Telles Walter

Decanato de Gestão de Pessoas (DGP)

Decano: Carlos Vieira Mota

Decanato de Planejamento, Orçamento e Avaliação Institucional (DPO)

Decana: Denise Imbroisi

Faculdade de Ciência da Informação (FCI)

Diretora:

Elmira Luzia Melo Soares Simeão

Vice-diretora:

Fernanda de Souza Monteiro



Universidade Federal
do Espírito Santo

Reitor

Reinaldo Centoducatte

Vice-reitora

Ethel Leonor Noia Maciel

Pró-Reitoria de Administração (Proad)

Pró-Reitora: Teresa Cristina Janes Carneiro

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e Cidadania (Proaeci)

Pró-Reitor: Gelson Silva Junquilha

Pró-Reitoria de Extensão (Proex)

Pró-Reitora: Angélica Espinosa Barbosa Miranda

Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (Progep)

Pró-Reitor: Cleison Faé

Pró-Reitoria de Graduação (Prograd)

Pró-Reitora: Zenólia Christina Campos Figueiredo

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG)

Pró-Reitor: Neyval Costa Reis Junior

**Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional
(Proplan)**

Pró-Reitor: Anilton Salles Garcia

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas (CCJE)

Diretor: Rogério Naques Faleiros

Departamento de Biblioteconomia (DBIB)

Chefia: Jose Alimatéia de Aquino Ramos

Vice-chefia: Gleice Pereira

© **Meri Nadia Marques Gerlin (2018)**

Todos os direitos em língua portuguesa, no Brasil, reservados de acordo com a lei. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, incluindo fotocópia, gravação ou informação computadorizada, sem permissão por escrito da autora. Esta é uma publicação da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília e do Departamento de Biblioteconomia da UFES, Brasil.

Revisão

Laboratório de Editoração e Normalização (UFES)

Normalização e projeto Gráfico

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Capa

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Diagramação

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Conselho Editorial

Denise Bacellar Nunes (UnB)

Elmira Simeão (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Comitê Científico

Adriana Alcará (UEL)

Eduardo Valadares da Silva (UFMG)

Elmira Simeão (UnB)

Iguatemi Santos Rangel (UFES)

Márcia Marques (UnB)

Marta Leandro da Mata (UFES)

Meri Nadia Marques Gerlin (UFES)

Taiguara Villela Villela (UFES)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G371c Gerlin, Meri Nadia Marques (Org.).

Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes / Meri Nadia Marques Gerlin (Org.). – Brasília: Faculdade de Ciência da Informação / Universidade de Brasília, 2018.

364 p.; Color. Coleção No balanço das redes: tradição e tecnologia (Vol. 2)

ISBN: 978-85-88130-49-4

1. Memória social. 2. Narrativa oral. 3. Competência narrativa. 4. Competência em informação. 5. Contador de histórias. 6. Rede Colaborativa. I. Título.

CDU 02:37

DEDICATÓRIA

Esta obra compõe a coleção “No balanço das redes: tradição e tecnologia” sucedendo a publicação denominada “Tecendo redes e contando histórias: competências em informação e narrativa na contemporaneidade”. Tendo em vista que o primeiro volume é uma adaptação do contexto teórico de uma tese de doutorado defendida pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília (UnB), acrescenta-se que esta coletânea é resultado de um processo de investigação que se desdobrou em uma diversidade de outras pesquisas e, por conseguinte, que estabeleceu parcerias que levaram à constituição deste exemplar: “Competência em informação e narrativa numa sociedade conectada por redes”.

Em razão do exposto, torna-se importante dedicá-la aos atores sociais que de alguma forma contribuíram com a sua composição e aos colaboradores que organizaram artigos alimentados pelos temas de interesse da rede de colaboração do projeto “No balanço das redes dos contadores de histórias”; registrado como extensão universitária na UnB e projeto de pesquisa na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Por terem aceitado ao desafio de escrever sobre temas relacionados com os seus contextos de investigações teóricas e práticas cotidianas, organizando, com isso, um conjunto de diálogos enredados e tecidos com os fios das mais valiosas experiências. Ao que tudo indica, as suas pesquisas e os seus relatos foram tingidos com os tons de uma atuação que dia após dia fora constituída nos territórios da biblioteca, da universidade, do museu, da escola, do centro de educação infantil, do arquivo público e do ciberespaço.

Dedica-se ao mesmo tempo em que se demonstra uma especial gratidão ao “profissional, pesquisador e leitor” disposto a conhecer esta obra coletiva, esperando que gostem de ler aos artigos tanto quanto os seus autores sentiram prazer em escrevê-los. Organizá-los neste espaço de divulgação tornou-se uma consequência, perante ao desejo de uma boa leitura e um bom aproveitamento dos textos e contextos que lhes são apresentados no campo da competência em informação e da narrativa oral.

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver (BENJAMIN, Walter. O narrador. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 204).

SUMÁRIO

PREFÁCIO	10
APRESENTAÇÃO	18

PARTE I – COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES	24
--	----

LEITURA, NARRATIVA E MEDIAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO	25
--	----

Maira Cristina Grigoletto

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS	48
---	----

Marta Leandro da Mata

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	79
---	----

Marta Leandro da Mata e Adriana Alcará

NO BALANÇO DAS REDES DOS CONTADORES DE HISTÓRIAS: A IDENTIFICAÇÃO DAS COMPETÊNCIAS DOS NARRADORES CONTEMPORÂNEOS	106
---	-----

Meri Nadia Marques Gerlin e Elmira Luzia Melo Soares Simeão

TROCAS DE EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: COLABORAÇÃO E ORALIDADE NO AMBIENTE DIGITAL DO YOUTUBE	133
---	-----

Elijance Marques dos Santos e Meri Nadia Marques Gerlin

ORGANIZAÇÃO DE DOCUMENTOS MULTIMÍDIA: PROPOSIÇÕES PARA RECUPERAÇÃO SEMÂNTICA DA INFORMAÇÃO EM AMBIENTES DIGITAIS	159
---	-----

Daniela Lucas da Silva Lemos e Renato Rocha Souza

TRANSDISCIPLINARIDADE PARA AS REDES: FORMAÇÃO DE COMPETÊNCIA EM COMUNICAÇÃO, INFORMAÇÃO E COMPUTAÇÃO PARA A GESTÃO DA MEMÓRIA	177
--	-----

Márcia Marques, Alzimar Ramalho, Benedito Medeiros Neto, David Renault da Silva, Joyce Del Frari Coutinho, Mônica Regina Peres, Marcelo Souza de Jesus e Tatyane Mendes Ferreira

PARTE II – COMPETÊNCIA NARRATIVA: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS EM ESPAÇOS TEMPOS DE INFORMAÇÃO, EDUCAÇÃO E CULTURA	204
---	-----

NO BALANÇO DE QUEM SEMPRE OUVIU E CONTOU HISTÓRIAS.	205
--	-----

Silvana Soares Sampaio

NARRATIVAS E CONTOS AFRICANOS: O RESGATE DA TRADIÇÃO ORAL A PARTIR DAS NARRATIVAS DOS GRIOTS 222

Ana Claudia Borges Campos, Meri Nadia Marques Gerlin, Cláudia Maria de Oliveira e Fábio Vieira Pereira

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM DESAFIO PARA OS BIBLIOTECÁRIOS 238

Elane Couto Uliana

TRADIÇÃO ORAL NA BIBLIOTECA ESCOLAR POR MEIO DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA 263

Ingrid Simões Pereira, Márcia Helena da Silva Marques e Maria Giovana Soares

SILÊNCIO! VOCÊ ESTÁ NA BIBLIOTECA: LER, CANTAR E CONTAR HISTÓRIAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR 290

Eduardo Valadares da Silva, Fabiano de Oliveira Moraes e Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim

PROJETO CONTOS QUE ENCANTAM: UMA PRÁTICA DE INCENTIVO À LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS 311

Iguatemi Santos Rangel e Amanda Xavier

A PRESENÇA DE NARRATIVAS ORAIS NO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO 331

Taiguara Villela Aldabalde e Philippe Peterle Modolo

SOBRE OS AUTORES 352



PARTE I

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: PROCESSOS INTER-RELACIONADOS COM A MEMÓRIA, ORALIDADE E CONEXÃO EM REDES

COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: QUESTÕES TERMINOLÓGICAS E CONCEITUAIS

Marta Leandro da Mata³

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve explicação sobre as terminologias utilizadas na área de Ciência da Informação para a tradução do termo *Information Literacy*, analisar suas perspectivas conceituais a partir dos vieses tratados na literatura da área, bem como, das dimensões conceituais da competência em informação. Por meio da realização de uma pesquisa teórica, considera-se que até o presente momento não há consenso sobre a terminologia ideal para a tradução de *Information Literacy*. A partir de diversas pesquisas e experiências práticas, a própria questão terminológica e, conseqüentemente, conceitual vêm agregando diferentes sentidos à competência em informação.

Palavras chave: Competência em Informação. *Information Literacy*. Dimensões conceituais.

³ Doutora em Ciência da Informação; Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, ES, Brasil. e-mail: martaleandrodamata@gmail.com

INTRODUÇÃO

A área de Biblioteconomia sofreu diversas transformações no decorrer de sua trajetória, inclusive na abordagem referente aos usuários. Houve uma mudança paradigmática em relação à concepção das atividades de formação de usuários para utilização dos recursos informacionais desenvolvidas junto aos usuários nas bibliotecas, passando-se da perspectiva do sistema de informação - com a educação de usuários - para uma perspectiva direcionada ao desenvolvimento de habilidades informacionais nos usuários - a competência em informação.

No Brasil, por volta da década de 1970, iniciaram-se diversas ações para auxiliar os usuários a utilizarem a biblioteca, seus recursos e serviços, recebendo variadas nomenclaturas, a saber: educação de usuários, formação de usuários, treinamento de usuários, instrução de usuários, orientação de usuários e educação de usuários.

Ao abranger muitos conceitos diferentes, essa terminologia evoluiu além dos primeiros esforços de instrução aos usuários para o uso de bibliotecas e os programas com foco em habilidades em informação até o conceito atual de Desenvolvimento de Habilidades em Informação (DHI) (LAU, 2007, p. 9).

Este capítulo tem como objetivo apresentar uma breve explanação sobre as terminologias utilizadas na área de Ciência da Informação para a tradução do termo *Information Literacy*, analisar suas perspectivas conceituais a partir dos vieses tratados na literatura da área, bem como das dimensões conceituais da competência em informação. Neste trabalho adotou-se o termo competência em informação.

QUESTÕES TERMINOLÓGICAS

A *Information Literacy* ao ser traduzido da língua inglesa para a língua portuguesa recebeu variadas terminologias no Brasil, tais como competência em informação, competência informacional, letramento informacional, alfabetização informacional e habilidades informacionais. Em Portugal, passou a ser utilizado *literacia em informação* ou *literacia informacional*. Na Espanha, utiliza-se *alfabetización informacional* (ALFIN) e *competência informacional*, com significados e objetivos distintos. Em outros países de língua espanhola da América Latina, além destes, utiliza-se *desarrollo de habilidades informacionales* (DHI). Na França, usa-se *mâitrise de l'information*. Para Lau (2007, p. 9),

[...] a tradução do termo em inglês a outras línguas é difícil, de modo que os profissionais da informação dos diferentes países deveriam considerar quais as palavras que irão lhe conferir o correto significado para evitar um problema semântico por parte das comunidades de aprendizagem.

Entretanto, muitas traduções foram dadas nos mais diversos países, conseqüentemente, “[...] a definição do termo ainda traz consigo inúmeras discussões na literatura especializada, tanto nacional quanto internacional” (BELLUZZO, 2017). Contudo, Marzal (2012) argumenta que desde a sua origem a alfabetização em informação, sob diferentes termos e variedades conceituais, já tem uma trajetória espetacular.

No contexto brasileiro, Gasque (2010) defende que estes conceitos, embora inter-relacionados, possuem diferenças, e que, por tal motivo, não devem ser empregados como sinônimos, na medida em que representam ações, eventos e ideias distintas. A autora apresenta a diferenciação entre alguns termos, sendo o Letramento Informacional um processo de ensino-aprendizagem, composto por etapas, tais como:

a alfabetização informacional, a Competência em Informação e as Habilidades Informacionais. Tais definições foram traçadas considerando-se suas pesquisas e trajetória nas áreas de Educação e de Ciência da Informação, conforme será visto adiante.

Caregnato (2000) publicou o primeiro artigo no Brasil sobre o tema, utilizando o termo Alfabetização em Informação. Em 2001, teve-se a primeira dissertação defendida por Elisabeth Adriana Dudziak, que preferiu utilizar o termo *Information Literacy*, discorrendo que sua tradução é um “[...] desafio concernente a especialistas em linguística” (DUDZIAK, 2001, p. 8). Em 2010, a autora faz uma reflexão acerca destas terminologias:

[...] no país, a alfabetização tem seu significado fortemente associado às fases iniciais da educação, ao passo que a literacia e o letramento ligam-se predominantemente ao universo das palavras, é preciso refletir sobre a terminologia mais adequada e representativa. A adoção da tradução do conceito como *competência informacional* ou *competência em informação* parece ser a melhor escolha, por ter significado mais abrangente, além de ser aceita e valorizada tanto na área educacional quanto nos círculos profissionais. (DUDZIAK, 2010, p. 8).

Simeão e Costa (2016), ao realizarem uma pesquisa na Base de Dados Referenciais de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação dados (BRAPCI) e no Banco de Teses e Dissertações (BDTD), identificaram dez interpretações do conceito em 90 produções recuperadas a partir do descritor *Information Literacy*, extraídas dos títulos e dos resumos das produções. Essa terminologia variava entre os conceitos interpretativos e suas derivações, e o conceito matricial. Os resultados mostraram que há uma tendência em traduzi-lo como “competência”, encontrando-se 152 o termo “Competência

Informacional” e I18 “Competência em Informação”.

Neste sentido, Belluzzo (2014, p. 55, grifo do autor) defende o termo “Competência em Informação” como o mais apropriado para ser utilizado no Brasil:

A opção em torno do termo mais adequado para figurar como a tradução do termo em inglês [*information literacy*] é para ‘Competência em Informação’ por ser também reconhecido e por não apresentar adjetivações do ponto de vista semântico. Além disso, salienta-se que, recentemente, conta-se com a indicação da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na publicação de autoria de Horton Júnior (2013), que definiu como sendo essa terminologia a mais indicada para representar a tradução do termo para o português do Brasil, inserindo essa expressão oficialmente em seu logo de representação dos diferentes países envolvidos com essa temática.

No evento “III Seminário de Competência em Informação: cenários e tendências”, que ocorreu em 2015, na cidade de Marília-SP, realizado pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), Universidade de Brasília (UnB) e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), em plenária do evento, oficializou-se a utilização da sigla Colnfo para o termo Competência em Informação.

Em pesquisa realizada por Mata e Alcará (2016) constatou-se que nos eventos voltados para os profissionais da informação, CBBB e SNBU⁴, há uma confusão terminológica acerca do tipo de atividade praticada em relação ao termo usado para designá-las⁵, por exemplo, aplica-se competência em informação para atividades de educação de

⁴ Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação (CBBB) e Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU).

⁵ As autoras não se aprofundaram em questões terminológicas.

usuários e vice-versa. Neste sentido, Dudziak (2010, p. 7-8) argumenta que a competência em informação “Algumas vezes, é usada para substituir expressões já conhecidas como a educação de usuários e conceitos subordinados (orientação bibliográfica, treinamento de uso da biblioteca, visita orientada).”

Bernadete Campello (2003), nos primórdios da investigação acerca do tema no contexto brasileiro menciona o termo “competência em informação”. Posteriormente, em sua tese defende que a terminologia utilizada para a sua tradução deveria ser “letramento informacional” (CAMPELLO, 2009).

Considera-se que até o presente momento não há consenso entre os estudiosos do assunto sobre a melhor terminologia para a tradução de *Information Literacy*. A partir de diversas pesquisas, com viés teórico, prático e metodológico, a própria questão terminológica e, conseqüentemente, conceitual vêm agregando diferentes sentidos à competência em informação. A seguir, busca-se trazer reflexões voltadas para o seu conceito.

QUESTÕES CONCEITUAIS

A competência em informação é mencionada pela primeira vez nos Estados Unidos, em 1974, pelo bibliotecário americano Paul Zurkowsk no relatório *The Information Service Environment relationship and Priorities*. Apontava-se que as pessoas instruídas na aplicação dos recursos informacionais em ambientes de trabalho poderiam ser denominadas competentes em informação, já que elas aprendem técnicas para utilizar uma ampla gama de recursos informacionais visando à resolução de problemas (ZURKOWSKI, 1974).

Nos anos seguintes, a competência em informação foi discutida em diferentes perspectivas. Dudziak (2003) delinea o percurso

histórico-conceitual da competência em informação a partir de três períodos. Complementarmente Bruce (2000) traça um quarto momento, que condiz com a fase atual, a saber:

- Os precursores, que ocorre na década de 1970, trazendo uma noção ligada ao uso da informação para a resolução de problemas e para a tomada de decisão devido ao cenário de mudanças previsto. O conceito esteve relacionado à questão da cidadania, envolvendo a responsabilidade social, havendo uma percepção de que a informação estava se tornando fundamental e, para utilizá-la, eram necessárias certas habilidades.
- Os exploradores, na década de 1980, com dois momentos: no primeiro, a competência em informação é ligada fortemente às tecnologias de informação e comunicação, com ênfase instrumental. No segundo, é relacionada à educação, com sua integração ao currículo e o amplo acesso aos recursos informacionais. Neste período, teve-se maior preocupação com sua conceituação e com as habilidades informacionais que as pessoas deveriam adquirir.
- Na busca de caminhos, na década de 1990, os profissionais da informação procuravam fundamentação teórica e metodológica para a competência em informação, com a elaboração de modelos de competência em informação. Várias instituições especializadas no tema foram criadas.
- A fase de expansão, de 2000 em diante, caracterizado pela realização de pesquisas aplicadas e na prática (BRUCE, 2000 apud CAMPELLO, 2009).

Campello (2009) salienta que os esforços empreendidos até o momento, por viés do âmbito dos estudos acadêmicos (que produziram os modelos de competência informacional), do estabelecimento de estruturas e/ou esquematizações para o ensino de habilidades, de listas

de habilidades a serem atingidas e avaliadas, foram necessários para a compreensão do conceito e avanço da questão.

Infere-se que por meio das mudanças decorrentes da sociedade, do amplo uso dos recursos tecnológicos para a produção e disseminação da informação, do amadurecimento das pesquisas e do desenvolvimento de práticas em instituições, a competência em informação adquire novos significados e abrange outras competências, como, por exemplo, digitais e midiáticas.

Neste sentido, este trabalho apresenta o conceito de competência em informação a partir de três vieses identificados na literatura da área. Para tanto, baseia-se em três perspectivas apontada por Mata (2014) e por Mata, Casarin e Marzal (2016), a saber: conjunto de competências, processo de ensino-aprendizagem e como uma área disciplinar, que serão explanadas a seguir.

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO UM CONJUNTO DE COMPETÊNCIAS

A competência em informação pode ser entendida como um conjunto de conhecimentos, habilidades e atitudes ligadas aos processos informacionais, como, por exemplo: definir as necessidades informacionais, acessar, buscar, interpretar, utilizar e comunicar a informação de maneira ética (ABELL et al., 2004), em ambientes híbridos (com materiais impressos e digitais).

A partir disso, compreende-se que em um primeiro momento, o indivíduo adquire conhecimentos acerca do universo informacional e sobre as fontes de informação. No segundo, desenvolve habilidades informacionais para utilizar a informação em variados contextos. Já terceiro, aplica seus conhecimentos e habilidades para resolver questões referentes ao uso da informação em ambientes educacionais, profissionais e sociais.

Considera-se que desde as primeiras noções de competência em informação ela foi delineada em torno de um conjunto de competências a serem desenvolvidas pelos indivíduos. Por exemplo, ressalta-se a definição dada pela *American Library Association* (ALA, 1989), elaborada por um grupo de bibliotecários e educadores, que ficou conhecida em escala mundial entre os estudiosos do tema:

Para ser competente em informação, uma pessoa deve reconhecer quando uma informação é necessária, e deve ter a habilidade de localizar, avaliar e utilizar efetivamente a informação. Isto é, as pessoas competentes em informação são aqueles que aprendem a aprender. Elas sabem como o conhecimento é organizado, como encontrar a informação e como usá-la de forma que outras pessoas aprendam a partir dela (ALA, 1989).

Para Dudziak (2003, p. 28), a competência informacional pode ser entendida como “[...] o processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”. Na perspectiva da autora, os componentes que sustentam o conceito de competência informacional são o processo investigativo, o aprendizado ativo, o aprendizado independente, o pensamento crítico, o aprender a aprender e o aprendizado ao longo da vida.

De acordo com a Abell et al. (2004), a competência em informação implica no desenvolvimento de variadas habilidades a serem desenvolvidas pelos indivíduos. De modo complementar, Lau (2007) aponta que essas habilidades projetam atenção às atitudes informacionais. Assim, com base em Abell et al. (2004) essas habilidades são detalhadas a seguir:

- a) Determinar o alcance das informações necessárias: é ser capaz de saber por que e de qual informação precisa; qual, quanta e que tipo de informação requer, bem como as limitações para consegui-la (como tempo, acesso, formato, atualidade, dentre outras); reconhecer que a informação está disponível em uma ampla gama de formato em várias localizações geográficas e virtuais. Sob este aspecto, a habilidade de articular uma pergunta e respondê-la é importante;
- b) Compreender a disponibilidade: ser capaz de identificar que recursos estão disponíveis para sua exploração, onde estão disponíveis, como acessá-los, o mérito de cada recurso, e o quanto é apropriado utilizá-lo.
- c) Compreender como encontrar informação: refere-se à habilidade de buscar os recursos adequados com eficácia e identificar a informação relevante. A busca pode ser realizada em diversos meios, utilizando-se de índices no final dos livros, de revistas de resumo e de índices, de listas de discussão na internet, de operadores booleanos e de truncamento, por meio dos campos de dados, etc.;
- d) Compreender a necessidade de avaliar os resultados: avaliar a informação pela sua autenticidade, correção, atualidade e valor. Também devem ser avaliados os meios pelos quais se obtiveram os resultados para poder assegurar que o planejamento realizado não produz resultados equivocados e incompletos. Nesse sentido, está incluída uma série de fatores para avaliar a informação, tais como: autoria, propósito, atualidade, consistência, facilidade de navegação, acesso, uso, entre outros;
- e) Compreender como trabalhar com os resultados e como explorá-los: analisar e trabalhar com a informação para oferecer resultados de pesquisa corretos e apresentáveis ou para desenvolver um novo conhecimento e compreensão. Isto inclui compreender, comparar, combinar, anotar e aplicar (usar) a informação encontrada, e também reconhecer quando há necessidade de uma nova busca por mais informação;

- f) Compreender a ética e a responsabilidade na utilização: diz respeito ao porquê de a informação carecer de uma utilização responsável e ética (profissional, econômica e pessoal). Respeitar a confidencialidade e reconhecer o trabalho de outras pessoas. Podem-se mencionar as questões referentes ao plágio, propriedade intelectual, etc.;
- g) Compreender como se comunica e se compartilha a informação: a habilidade de comunicar/compartilhar a informação de uma maneira ou formato adequado ao público que se dirige e conforme a situação;
- h) Compreender como administrar a informação: refere-se à aplicação de métodos para o armazenamento e administração da informação adquirida, bem como de uma reflexão sobre todo o processo de busca das fontes encontradas, de forma a aprender a utilizar a informação.

A Competência Informacional envolve ainda outros princípios, como o aprender a aprender, que possibilita o aprendizado ao longo da vida, um dos preceitos do século XXI, indicado no relatório Delors (1998) e por muitos educadores preocupados com a aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos.

De modo geral, acredita-se que o conceito tenha evoluído à medida que as necessidades de conhecimento da sociedade se modificaram em função de diferentes facetas ligadas à atualidade, como por exemplo a tecnologia da informação, o que sugere a ideia de um *continuum* (LANGFORD, 1998 apud CAMPELLO, 2009). Neste sentido, Campello (2009, p. 83) discorre que:

[...] a maioria dos autores concorda que competência em informação não seja um objetivo fixo a ser alcançado, mas um *continuum* de habilidades, familiaridade e eficiência relativas ao uso da informação, representado por graus crescentes de

domínio, mostrando que apenas mudar termos (competência, fluência, etc.) para tentar definir melhor o conceito não ajuda a esclarecer sobre o fenômeno que ele representa.

Vitorino e Piantola (2009, p. 135) discorrem sobre aumento de pesquisas e da consequente mudança de perspectiva conceitual acerca da competência em informação.

Hoje, a ideia inicialmente aceita de que a competência informacional consiste essencialmente em conjunto de habilidades individuais ligadas à manipulação da informação em um suporte digital constitui apenas uma das muitas dimensões sugeridas pelo termo, que vem crescendo em complexidade à medida que as pesquisas sobre o tema evoluem.

A competência em informação engloba um conjunto de competências relacionadas aos processos de busca, avaliação, uso e comunicação da informação de maneira ética e legal, visando que os indivíduos desenvolvam conhecimentos (saber ser), habilidades (saber fazer) e atitudes (saber agir) no que tange ao universo informacional.

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO UM PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Na década de 1980, a competência em informação esteve fortemente ligada à educação, a partir da tese de Carol Kuhlthau e de Doyle, com a integração da competência em informação ao currículo; o amplo acesso aos recursos informacionais; integração do trabalho desenvolvido por bibliotecários, docentes e educadores em geral; e a implementação de programas desta natureza nas instituições de ensino (DUDZIAK, 2003).

Conforme Dudziak (2003, p. 32), a competência em informação voltada para a educação (*Information Literacy Education*) é entendida como aquela que:

[...] socializa o acesso à informação, ao conhecimento e ao aprendizado. Incentiva a participação ativa da comunidade (ou seja, seu comprometimento) na definição de metas e objetivos educacionais. Busca o aprendizado, enquanto processo, de conteúdos significativos. Enfatiza a integração curricular e a educação baseada em recursos. Adota práticas pedagógicas voltadas para a construção de conhecimento, o aprendizado independente e o aprendizado ao longo da vida, a partir da elaboração de projetos de pesquisa e a resolução de problemas. O desenvolvimento da competência em informação deve ter um lugar durante toda a vida dos cidadãos e, especialmente, em seu período de educação, momento em que os bibliotecários, como parte da comunidade de aprendizagem e como especialistas na gestão da informação, devem ou deveriam assumir o papel principal no ensino das habilidades em informação (LAU, 2007, p. 4).

A competência em informação pode ser desenvolvida em vários ambientes, desde o ensino fundamental ao ensino superior, sendo oferecidas aos alunos, aos professores e demais profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Chakravarty (2008 apud ALVES, 2016, p. 50) observa que a

[...] competência em informação é o primeiro passo para alcançar outros objetivos educacionais e deve ocorrer em todas as etapas da vida de um cidadão, em especial nos anos de escolarização, começando pela educação básica.

Existe uma perspectiva conceitual da competência em informação como um processo de ensino-aprendizagem por alguns autores, como, por exemplo, Uribe Tirado (2009) e Gasque (2013). O primeiro autor apresenta uma macro-definição com o objetivo de uso em diferentes contextos e níveis de formação e investigação, a saber:

A competência em informação é o processo de ensino-aprendizagem que busca que um indivíduo e seu coletivo, devido ao apoio profissional e de uma instituição educativa ou uma biblioteca, empregando diferentes estratégias de ensino e ambientes de aprendizagem (modalidade presencial, virtual ou mixta – blend learning), alcance as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) digitais, comunicacionais e informacionais, de forma que lhes permitam, depois de identificar suas necessidades informacionais, utilizando diferentes formatos, meios e recursos físicos, eletrônicos ou digitais, poder localizar, selecionar, recuperar, organizar, avaliar, produzir, compartilhar e divulgar (comportamento informacional) adequada e eficientemente essa informação, com uma posição crítica e ética, a partir de suas potencialidades (cognitivas, práticas e afetivas) e conhecimentos prévios (outras competências), e alcançar uma interação apropriada com outros indivíduos e grupos (prática cultural/ inclusão social), de acordo com os diferentes papéis e contextos que assume (níveis de ensino, pesquisa, desempenho de trabalho ou profissional) e, finalmente, com todo esse processo, alcançar e compartilhar novos conhecimentos e ter as bases para o aprendizado ao longo da vida para benefício pessoal, organizacional, comunitário e social para as demandas da sociedade da informação (URIBE TIRADO, 2009, p. 14, tradução nossa).

O autor complementa que essa definição propicia uma compreensão de que a competência em informação é um processo holístico, que é constituída de determinados comportamentos e integrada a outras competências, isto é, ratifica as tendências de estudos atuais voltados para as multicompetências, metacompetências ou transcompetências em âmbito mundial.

Conforme Mata (2014, p. 63), para analisar este conceito proposto pelo autor, pode ser utilizada as questões: “o que é”, “por quê”, “onde”, “quando”, “como” e “quem”, detalhadas a seguir:

- O que é? Um processo de ensino-aprendizagem visando à construção de competências digitais, comunicacionais e informacionais;
- Por quê? Para alcançar e compartilhar novos conhecimentos, ter as bases para o aprendizado ao longo da vida visando ao benefício pessoal, organizacional, comunitário e social conforme as demandas da sociedade da informação;
- Onde? Em uma instituição educacional ou em bibliotecas;
- Quando? Durante os ciclos de ensino;
- Como? Trabalhando com diversas fontes de informação em diferentes meios, recursos físicos, eletrônicos ou digitais, por meio de ambientes de aprendizagem presenciais e/ou portais de educação à distância, com vistas a empregar estratégias didáticas diversificadas;
- Quem? Indivíduos e/ou coletivos.

A partir da macro-definição de Uribe Tirado (2009) é possível identificar um processo de ensino-aprendizagem contendo as etapas de planejamento e de implementação dos programas desta natureza, aspectos referentes às estratégias didáticas, os locais de aplicação das

instruções, a responsabilidade social do formador – bibliotecário – e as potencialidades que se espera que os indivíduos alcancem.

Neste viés, Gasque (2013) utiliza o termo letramento informacional para a tradução de *Information Literacy*, que a compreende como um processo de ensino-aprendizagem. Assim, propõe uma visão direcionada para o sistema educacional e para o desenvolvimento de competências acerca do universo informacional, a saber:

[...] processo de aprendizagem voltado para o desenvolvimento de competências para buscar e usar a informação na resolução de problemas ou tomada de decisões. O letramento informacional é um processo investigativo, que propicia o aprendizado ativo, independente e contextualizado; o pensamento reflexivo e o aprender a aprender ao longo da vida. Pessoas letradas têm capacidade de tomar melhores decisões por saberem selecionar e avaliar as informações e transformá-las em conhecimento aplicável. (GASQUE, 2013, p. 5).

A autora aponta as três etapas constituintes do processo de letramento informacional. A primeira, a alfabetização informacional, referente ao contato inicial com as unidades de informação, com as ferramentas, produtos e serviços informacionais. A segunda, a competência informacional, alude à capacidade do aprendiz de mobilizar o próprio conhecimento que o ajuda a agir em determinada situação, porquanto, durante este processo são desenvolvidas competências para manuseio do universo informacional. A terceira etapa, a habilidade informacional, é a realização de ações específicas e necessárias para alcançar determinadas competências (GASQUE, 2013).

A competência em informação pode ser trabalhada na perspectiva do processo de ensino-aprendizagem acerca do universo informacional, por meio de programas ofertados pelas bibliotecas

juntamente com uma equipe de apoio da instituição, por meio de disciplinas e/ou atividades que a instituição considerar pertinente devido as suas características e necessidades, contando com a colaboração de professores, da administração e demais envolvidos no ambiente educacional.

Os objetivos do programa devem possibilitar aos indivíduos obterem uma aprendizagem significativa, compreensão sobre a forma de organização do conhecimento, sobre as características e funções das fontes de informação, bem como o desenvolvimento de habilidades referentes aos processos de busca, avaliação, uso e comunicação da informação por meios dos princípios éticos e legais. “É necessário que a educação que se ofereça, os aprendizes que se promovam, contribua para o objetivo de formar cidadãos capazes de acessar o conhecimento durante toda a vida, de viver em sociedade, de criar” (GARIBALSI, 2003, p. 2).

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO UMA ÁREA DISCIPLINAR

Johnston e Weber (2007) consideram que a competência em informação como uma disciplina funcional e aplicada, com grande relevância social. Os autores a compreendem como “[...] a adoção de um comportamento informacional adequado para a identificação, através de qualquer canal ou meio, de uma informação que corresponda às suas necessidades informacionais, conduzindo ao uso inteligente e ético da informação na sociedade”. (JOHNSTON; WEBBER, 2007, p. 495, *tradução nossa*).

A competência em informação é considerada uma experiência pessoal de identificação de necessidades e de satisfação das mesmas, bem como uma atividade socializada. “[...] uma pessoa competente em informação é um ser socialmente e autoconsciente e não um simples

repositório de habilidades e conhecimentos” (JOHNSTON E WEBBER, 2006, p. 112).

Os autores apontam uma série de fatores que possibilitam caracterizar a competência em informação como uma disciplina, a saber: a existência de padrões, periódicos científicos, seções de associações profissionais ligadas à promoção do tema e eventos. Acrescenta-se a estes elementos as declarações publicadas em diversos países e os grupos de pesquisa certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A título de exemplo, podem ser mencionados os padrões da *Association of College & Research Libraries (ACRL)*, cujo título é *Information Literacy Competency Standards for Higher Education*, publicados em 2000 (ACRL, 2000). Atualmente, têm-se uma nova versão destes padrões condizente com as transformações ocorridas na última década, o *Framework for Information Literacy for Higher Education* (ACRL, 2015).

Quanto aos periódicos científicos especializados no assunto, encontra-se o *Journal Information Literacy*⁶, de natureza profissional da *The Library and Information Association (CILIP)*, lançado em 2007, contando com 11 volumes e com sistema de publicação semestral.

Há muitos eventos em nível mundial sobre a temática, destacam-se alguns deles, a saber: a *Global Media and Information Literacy Week*, promovido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que ocorre anualmente em vários países; a conferência *Librarians' Information Literacy Annual Conference*, organizado pela *CILIP's Information Literacy Group*, no Reino Unido; “Seminário de Competência em Informação”, promovido pela Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (ANCIB), no Brasil.

⁶ <https://ojs.lboro.ac.uk/JIL/>

Também têm as subdivisões de associações profissionais dedicadas ao tema, como por exemplo, a *Information Literacy Section* da *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA); a *Information Literacy Group* da CILIP; a *Association of College & Research Libraries* (ACRL), a Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários e Cientistas da Informação (FEBAB).

Outro fator impactante foram as declarações publicadas em diversos países, destacando-se a Declaração de Praga (2003), com o tema “Por uma Sociedade Informacionalmente Alfabetizada”; Declaração de Alexandria (2005) sobre “Competência Informacional e Aprendizado ao Longo da Vida”; Declaração de Maceió (2011) sobre “Competência em Informação”; Declaração de Havana (2012) sobre “15 ações de Competência em Informação”, entre outras.

No Brasil, existem diversos grupos de pesquisa sobre competência em informação (ou com uso de outras nomenclaturas), que são credenciados pelo CNPq, tais como: “Comportamento e competências informacionais”, da Unesp; “Competência em Informação”, da UnB; GPCIn – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Competência em Informação, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC); “Aprendizagem, Comportamento e Letramento informacional”, da UnB; “Competência em Informação e Processos Inter-relacionados”, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); “Competência em Informação: suas múltiplas relações”, da Universidade Estadual de Londrina (UEL); “Competência e mediação em ambientes de informação”, da Universidade Federal do Ceará (UFC), entre outros (CNPq, 2017).

A partir desta breve análise da conjuntura mundial, observa-se uma ampla preocupação sobre a competência em informação, com a produção de uma variedade de documentos, pesquisas e relatos de experiência, corroborando para o debate e a troca de informações entre

os especialistas, pesquisadores, profissionais e interessados no tema. Assim sendo, aponta-se uma movimentação favorável aos preceitos propostos por Johnston e Webber (2006), em que situa a competência em informação como uma disciplina. Shanbhag (2006 apud VITORINO; PIANTOLA, 2009) compartilha desta concepção afirmando que a competência em informação desenvolveu de um conceito para uma disciplina, reunindo múltiplas competências, múltiplas habilidades em uma variedade de contextos.

Na Espanha, observa-se uma ênfase neste este viés, visto que a Alfabetização em Informação (Alfabetización Informacional - ALFIN) é vista como uma área disciplinar no ambiente acadêmico e a competência informacional (competencias em información) como uma prática no âmbito profissional. No primeiro caso, para questões teóricas e investigativas, designa-se uma área disciplinar cujo objeto seria o desenvolvimento de padrões, modelos pedagógicos, critérios de avaliação e estratégias políticas para a melhoria das competências informacionais dos cidadãos (GÓMEZ HERNÁNDEZ, 2007).

Marzal (2012) argumenta que em sua dimensão acadêmica, a alfabetização em informação está incorporada como uma metodologia na educação formal de uma instituição educacional, por intermédio de uma disciplina curricular. Tal disciplina deve ter um campo; um objeto (competência em informação), objetivos (inferência da informação para o conhecimento e para o conhecimento em rede), um método (normas), uma metodologia (modelos) e técnicas (instrumentos de gerenciamento de conteúdos para leitura e escrita).

A competência em informação no âmbito profissional refere-se aos serviços planejados pela biblioteca com a finalidade de facilitar que os usuários adquiram essas habilidades informacionais (GÓMEZ HERNÁNDEZ, 2007). Isto é, o desenvolvimento de programas desta natureza em instituições variadas.

A COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO COMO UMA ÁREA DISCIPLINAR

A competência em informação foi tratada sob vários ângulos por alguns autores: por meio de três concepções (DUDZIAK, 2003); de sete faces (BRUCE, 2003); de quatro dimensões (VITORINO; PIANTOLA, 2011), de modo a propiciar um aprofundamento de seu significado e de sua aplicabilidade em determinados contextos, conforme será visto a seguir.

Para Dudziak (2003) a competência em informação possui a concepção em informação, que tem ênfase na tecnologia de informação; a concepção de conhecimento, que tem ênfase nos processos cognitivos; e a concepção de inteligência, com ênfase no aprendizado ao longo da vida, a saber:

- A concepção em informação possui ênfase nas tecnologias de informação, priorizando a abordagem do ponto de vista dos sistemas. Está ligada ao processamento e à distribuição da informação com base no desenvolvimento de habilidades no uso de ferramentas e suportes. Enfatizá-la deste modo é reduzi-la ao aprendizado de mecanismos eletrônicos (DUDZIAK, 2003).
- A concepção de conhecimento possui ênfase nos processos cognitivos, na realização de busca da informação para a construção do conhecimento, envolvendo seu uso, interpretação e significado. Procura-se a construção de modelos mentais, sendo foco o indivíduo em seus processos de compreensão da informação e o uso que deste faz em situações particulares (DUDZIAK, 2003).
- A concepção de inteligência possui ênfase no aprendizado ao longo da vida, e está ligada às habilidades e conhecimentos sobre o universo informacional e a valores ligados à dimensão social e situacional. Pressupõe a incorporação de um estado permanente de mudança, a própria essência do aprendizado como fenômeno

social. A partir dessa visão, percebe-se o indivíduo como ator social e como cidadão (DUDZIAK, 2003).

Bruce (2003) traçou as sete faces da competência informacional voltadas para ensino superior:

- A concepção baseada nas tecnologias de informação é entendida como a capacidade de uso das tecnologias de informação pelos indivíduos no sentido de recuperá-las e comunicá-las, sendo vista como uma relação de condicionamento às tecnologias como requisito para manter-se informado e conectado à sociedade atual.
- A concepção baseada nas fontes de informação é entendida como a capacidade de utilização de variadas fontes de informação, exigindo dos indivíduos conhecimento das mesmas e de sua estrutura. Esta utilização deve dar-se com flexibilidade, seja de forma independente ou com auxílio de um intermediário.
- A concepção baseada na informação como processo caracteriza-se pela aplicação de estratégias para encontrar a informação e utilizá-la como recurso para enfrentar uma situação nova. Ou seja, esta concepção entra em cena quando o indivíduo identifica uma nova necessidade informacional em decorrência da falta de conhecimento de algo e utiliza-se de estratégias para buscar a informação desejada visando preencher essa lacuna.
- A concepção baseada no controle da informação é entendida como aquela em que as informações são armazenadas através do registro manual, através da memória por meio de várias classes de conexões e associações ou, ainda, através de meios eletrônicos, permitindo se assim sua recuperação, ou seja, possibilitando haver um controle da informação. O intuito é que os indivíduos saibam utilizar diferentes meios para armazenar a informação por seu provável valor para uso futuro.
- A concepção baseada na construção do conhecimento parte da noção de construção de uma base pessoal de conhecimentos em

uma nova área de interesse. A ideia da base de conhecimentos vai além do armazenamento de informações, implica a adoção de perspectivas pessoais, alcançadas por meio da análise crítica do que se lê e seu uso efetivo.

- A concepção baseada na extensão do conhecimento se refere ao uso da informação envolvendo a capacidade de intuição e introspecção criativa, o que resulta no desenvolvimento de novas ideias ou soluções criativas. Está centrada não mais na construção do conhecimento, mas em sua extensão.
- A concepção baseada no saber significa o uso inteligente de informação, o que implica a consciência dos próprios valores, atitudes e crenças pessoais, colocando a informação num contexto mais amplo. Como requisito é necessário possuir também a consciência dos valores éticos. De modo resumido, é a utilização inteligente da informação em benefício dos demais.

Vitorino e Piantola (2011, p. 102) traçam as dimensões da competência em informação a partir de reflexões educacionais e filosóficas, a saber: dimensão técnica, estética, ética e política. Para as autoras, “Uma dimensão é compreendida [...] como uma face, uma parte de um todo que não se mantém sozinha ou sobrevive sem a outra face ou outras partes – dimensões”.

A primeira dimensão possui um viés pragmático, porquanto “[...] o termo técnica pode ser definido como uma habilidade ou forma requerida para a realização de determinada ação ou para a execução de um ofício.” (VITORINO; PIANTOLA, 2011, p. 102). A segunda dimensão, a estética, está ligada à arte, que por sua vez, tem relação com a sensibilidade, criatividade, intuição, harmonia e beleza. A dimensão ética está relacionada ao cumprimento de leis visando-se viver em sociedade, com ações que propiciam viver em um determinado contexto. A dimensão política refere-se à cidadania, aos direitos e

deveres dos cidadãos, a sua participação nas decisões e transformações na vida social (Quadro I).

Quadro I - Síntese das dimensões da Competência em Informação de Vitorino e Piantola.

Dimensão técnica	Dimensão estética	Dimensão ética	Dimensão política
Meio de ação no contexto da informação. Consiste nas habilidades adquiridas para encontrar, avaliar e usar a informação de que precisamos. Ligada à ideia de o indivíduo competente em informação é aquele capaz de acessar com sucesso e dominar as tecnologias.	Criatividade sensível. Capacidade de compreender, relacionar, ordenar, configurar e ressignificar a informação. Experiência interior, individual e única do sujeito ao lidar com os conteúdos de informação e sua maneira de expressá-la e agir sobre ela no âmbito coletivo.	Uso responsável da informação. Visa à realização de um bem comum. Relaciona-se a questões de apropriação e uso da informação, tais como propriedade intelectual, direitos autorais, acesso à informação e preservação da memória do mundo.	Exercício de cidadania. Participação dos indivíduos nas decisões e nas transformações referentes à vida social. Capacidade de ver além da superfície do discurso. Considera que a informação é produzida a partir de (e em) um contexto específico.

Fonte: Vitorino e Piantola (2011, p. 109).

Observam-se diversos pontos inter-relacionados a partir das perspectivas adotadas pelas autoras Dudziak (2003), Bruce (2003), Vitorino e Piantola (2011), abordando-se o uso das tecnologias de informação e de seus recursos, de modo que possam ter acesso à variadas fontes de informação, de seu gerenciamento possibilitando sua recuperação para uso futuro, propiciando a construção de conhecimento, bem como sua mobilidade de realizar tais processos para resolução de problemas no âmbito pessoal, profissional e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perante o exposto, considera-se que até o presente momento não há consenso sobre a terminologia ideal para a tradução de *Information Literacy*, recebendo diversas denominações no contexto brasileiro, como competência em informação, competência informacional, letramento informacional e alfabetização informacional. Contudo, diversas pesquisas teóricas, metodológicas e experiências de cunho prático têm sido desenvolvidas, possibilitando reflexões sobre a própria questão terminológica, conceitual e dimensional.

Nesta pesquisa, verificou-se que a competência em informação tem sido discutida em uma ampla gama de perspectivas conceituais, que a consideram como um conjunto de competências, como um processo de ensino-aprendizagem e como uma área disciplinar. Essas perspectivas são resultantes de processos investigativos, que culminam com o amadurecimento do tema.

A competência em informação pode ser considerada uma área disciplinar, com desenvolvimento de padrões, de grupos de pesquisas, de marcos referenciais advindos de declarações realizadas em eventos de âmbito mundial para fortalecimento do tema, contando com a integração entre diversas áreas do conhecimento, principalmente, a Ciência da Informação e a Biblioteconomia, bem como a Educação e a Informática.

Também pode ser tratada como um processo de ensino-aprendizagem, que propicia a formação de conhecimentos, habilidades e atitudes acerca do universo informacional nos indivíduos, com o desenvolvimento sistemático de atividades. A partir da apropriação de tais conhecimentos, o indivíduo pode aplicá-los no contexto em que está inserido, desde realizar tarefas simples até as mais complexas, como a busca de informações para a resolução de problemas pessoais, o

desenvolvimento de trabalhos escolares/acadêmicos, a avaliação de informações para verificar sua autenticidade e confiabilidade em referência a várias situações, enfim, torna-o capaz de utilizar-se da informação para agir no meio em que está inserido de forma ética.

REFERÊNCIAS

ABELL, Angela. et al. Alfabetización en información: la definición de CILIP (UK). *Boletín de Asociación Andaluza de Bibliotecarios*, n. 77, p. 79-84, dez. 2004.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION - ALA. *Presidential Committee on Information Literacy: Final Report*. Washington, D.C., 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/ala/mgrps/divs/acrl/publications/whitepapers/presidential.cfm#importance>>. Acesso em: 13 jun. 2017

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). *Information literacy competency for higher education*. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/ilcomstan.html>>. Acesso em: 06 jan. 2017.

ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES (ACRL). *Framework for information literacy for higher education*. Chicago, 2015. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/standards/ilframework>>. Acesso em: 19 jun. 2017.

BELLUZZO, R. C. B. O conhecimento, as redes e a competência em informação (COINFO) na sociedade contemporânea: uma proposta de articulação conceitual. *Perspectivas em Gestão & Conhecimento*, João Pessoa, v. 4, Número Especial, p. 48-63, out. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/21274/11744>>. Acesso em: 15 out. 2017.

BELLUZZO, R. C. B. O estado da arte da competência em Informação (ColInfo) no Brasil: das reflexões iniciais à apresentação e descrição de indicadores de análise. *RBBB: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 13, p. 47-76, 2017.

BRUCE, C. Information literacy research: dimensions of the emerging collective consciousness. *Australian Academic and Research Libraries*, v. 31, n. 2, p. 91-109, 2000.

BRUCE, C. S. Las siete caras de la alfabetización en información en la enseñanza superior. *Anales de documentación*, Murcia, Espanha, n.6, p. 289-294, 2003.

CAMPELLO, B. S. O movimento da Competência Informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 28-37, set./dez. 2003.

CAMPELLO, B. S. *Letramento informacional: práticas educativas de bibliotecários em escolas de ensino básico*. 2009. 203 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

CAREGNATO, S. E. O desenvolvimento de habilidades informacionais: o papel das universidades no contexto da informação digital em rede. *Revista de Biblioteconomia e Documentação*, Porto Alegre, v. 8, p. 47-55, 2000.

CHAKRAVARTY, R. Information literacy in the knowledge society: empowering learners for a better tomorrow. In: *TRENDS AND STRATEGIC ISSUES FOR LIBRARIES IN GLOBAL INFORMATION SOCIETY*, Chandigarh, India, 2008. *Conference paper*. [S.l.]: e-lis, 2008. Disponível em: <<http://eprints.rclis.org/11393/>>. Acesso em: 15 jul. 2017.

CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq). *Diretório dos grupos de pesquisa no Brasil*. 2017. Disponível em: <http://dgp.cnpq.br/dgp/faces/consulta/consulta_parametrizada>. Acesso em: 15 out. 2017

DECLARAÇÃO DE ALEXANDRIA sobre Competência Informacional e aprendizado ao longo da vida. *National Fórum on Information Literacy*, 2005. Disponível em: <www.ifla.org/III/wsis/BeaconInfSocpt.html>. Acesso em: 14 fev. 2013.

DECLARAÇÃO DE HABANA: 15 acciones de ALFIN, 2012. Disponível em: <[http://www.alfared.org/sites/www.alfared.org/files/Declaraci%C3%B3n%20de%20La%20Habana.%20ALFIN%20desde%20Iberoam%C3%A9rica%20\(2012\).pdf](http://www.alfared.org/sites/www.alfared.org/files/Declaraci%C3%B3n%20de%20La%20Habana.%20ALFIN%20desde%20Iberoam%C3%A9rica%20(2012).pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2017.

DECLARAÇÃO DE MACEIÓ SOBRE A COMPETÊNCIA INFORMACIONAL. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24., 2011. Maceió: FEBAB, 2011. Disponível em: <<http://www.cfb.org.br/UserFiles/File/Declaracao%20de%20Maceio%20sobre%20Competencia%20em%20Informacao.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

DECLARAÇÃO DE PRAGA: hacia una sociedade alfabetizada en información. In: REUNIÓN DE EXPERTOS SOBRE ALFABETIZACIÓN INFORMACIONAL, 2003. *Anais eletrônicos...* Praga: U.S. National Commission on Library, 2003. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/fileadmin/MULTIMEDIA/HQ/CI/CI/pdf/PragueDeclaration.pdf>>. Acesso em: 14 ago. 2017.

DELORS, J. *Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI*. São Paulo: Cortez, 1998.

DUDZIAK, E. A. *A Information Literacy e o papel educacional das bibliotecas*. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

DUDZIAK, E. A. *Information Literacy: princípios, filosofia e prática. Ciência da Informação*, Brasília, v. 32, n. 1, p. 23-35, jan./abr. 2003.

DUDZIAK, E. A. *Competência informacional: análise evolucionária das tendências da pesquisa e produtividade científica em âmbito mundial. Informação & Informação*, Londrina, v. 15, n. 2, p. 1-22, 2010.

GARIBALSI, L. *Comunicación y educación para el cambio y el desarrollo – un trabajo en equipo*. In: *COMUNICACIÓN PARA EL DESARROLLO, CAMBIO SOCIAL Y PARTICIPACIÓN*, 2003. *Conferência...* Montevideo: UNESCO, 2003.

GASQUE, K. C. G. D. *Competência em informação: conceitos, características e desafios. AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento*, v. 2, n. 1, 2013.

GASQUE, K. C. G. D. *Arcabouço teórico do letramento informacional. Ciência da Informação*, Brasília, v. 39, n. 3, p. 83-92, 2010.

GÓMEZ HERNÁNDEZ, J. A. *Alfabetización informacional: cuestiones básicas. Anuário ThinkEPI*, p. 43-55, 2007.

JOHNSTON, B; WEBBER, S. *Como podríamos pensar: alfabetización informacional como una de la era de la información. Anales de documentación*, Murcia, n. 10, p. 491-504, 2007.

LAU, J. *Diretrizes sobre desenvolvimento de habilidades em informação para a aprendizagem permanente*. Boca del Rio, Veracruz, México: IFLA, 2007.

MARZAL, M. A. Documentalistas para la alfabetización en información en Centros de Recursos. 2012. Disponível em: <<http://www.alfared.org/content/veintitantas-experiencias-alfin-y-una-canci-n-esperanzada/los-b-sicos-de-alfin/documentalist>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

MATA, Marta Leandro da. *A inserção da competência informacional nos currículos dos cursos de Biblioteconomia no Brasil e nos cursos de Informação e Documentação na Espanha*. 2014. 197 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2014.

MATA, M. L.; ALCARÁ, A. R. Análise das práticas educacionais dos bibliotecários em bibliotecas universitárias com enfoque na educação de usuários e na competência em informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., Salvador., 2016. *Anais eletrônicos...* Salvador, BA: ANCIB, 2016. Disponível em: <<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/index.php/article/view/0000021895/2695545d96351c3ca7deda33023ff70a>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

MATA, M. L. M.; CASARIN, H. C. S.; MARZAL, M. A. Da educação de usuários à competência em informação: perspectivas conceituais. In: ALVES, F. M. M.; CORRÊA, E. C. D.; LUCAS, E. R. O. (Org.). *Competência em informação: políticas públicas, teoria e prática*. Salvador, BA: EDUFBA, 2016. p. 279-302

SIMEÃO, E. L. M. S.; COSTA, C. R. Information literacy: dialogicidades entre ciência da informação e educação. ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., Salvador., 2016. *Anais eletrônicos...* Salvador, BA: ANCIB, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3801>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

URIBE TIRADO, A. Interrelaciones entre veinte definiciones-descripciones del concepto de alfabetización en información: propuesta de macro-definición. *ACIMED*, v. 20, n. 4, p. 1-22, 2009.

VITORINO, E.V.; PIANTOLA, D. Competência informacional: bases históricas e conceituais: construindo significados. *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 38, n. 3, p. 130-141, set./dez., 2009.

VITORINO; E. V.; PIANTOLA, D. Dimensões da competência informacional (2). *Ciência da Informação*, Brasília, DF, v. 40 n. 1, p. 99-110, jan./abr., 2011.

ZURKOWSKI, P. G. *The information service environment relationship and priorities*. Washington, D.C: National Commission on Libraries and Information Science, 1974. 30 p.

WEBER, S. Information Literacy in higher education. In: Stopar, K. and Rabzelj. (Eds.) *Information Literacy between theory and practice: The role of academic and special libraries: Proceedings*. Ljubljana: ZBDS: 2006. p. 9-20

SOBRE OS AUTORES

Adriana Alcará – Professora do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde atua nos cursos de graduação em Arquivologia e Biblioteconomia e no programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciência da Informação (PPGCI/UEL). Possui doutorado em Psicologia pela Universidade São Francisco (USF), mestrado em Educação, especialização em Gerência de Unidades de Informação e graduação em Biblioteconomia pela UEL. É pesquisadora e líder do Grupo de Pesquisa Informação e Cognição, cujos projetos estão voltados para o estudo do processo de busca e uso da informação, focando principalmente na formação de habilidades informacionais e na competência em informação.

Alzimar Ramalho – Pós-doutora pela Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB), doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Comunicação pela Universidade de Marília (UNIMAR), especialista em Comunicação Visual em Mídias Interativas pela Universidade do Norte do Paraná e jornalista pela Universidade Estadual de Londrina. Foi docente da Universidade de Brasília, Centro Universitário de Araras e Fundação Educacional do Município de Assis. Atualmente é docente e pesquisadora na interface jornalismo e novas mídias do Centro Universitário IESB de Brasília.

Amanda Xavier – Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Membro e ex-bolsista de iniciação científica do Grupo de Estudos de Narrativas da Terra (GENTE) do Centro de Educação da UFES.

Ana Cláudia Borges Campos – Doutora em Ciência da Informação, Dinter UnB/UFES, mestre em Políticas Sociais, ênfase em Políticas

Públicas, pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Professora do Departamento de Biblioteconomia da Ufes, possuindo experiência em pesquisa em bases bibliográficas nacionais e internacionais; controle, atualização e encaminhamento de normas técnicas; pesquisa bibliográfica; gestão de documentos eletrônicos em drives de rede; administração de Centros de Documentação (impressos e eletrônicos); catalogação, indexação e pesquisa de imagens em movimento.

Benedito Medeiros Neto - Pós-Doutorado da Escola de Comunicação e Arte ECA/USP. Doutor em Ciência da Informação/Inclusão Digital pela Faculdade de Ciência da Informação da UnB. Mestrado em Pesquisa Operacional/Teoria dos Grafos (Estatística e Métodos Quantitativos) pela UnB. Especialista em Engenharia Elétrica/Inteligência Artificial pela UnB. Engenheiro Eletricista/Telecomunicações pela UnB. Vida Profissional: Bolsista Pesquisador do Projeto/MEC/MCTI/CAPES/CNPq/FAPs n. 09/2014. Pesquisador e Professor da FAC/UnB & CIC/IE/UnB. Pesquisador Associado da Escola do Futuro-USP. Participante do Comitê Técnico GT01 ENANCIB. Parecerista da Revista Ibero-America de CI/Faculdade de Ciência da Informação/UnB. Foi Consultor para Inclusão Digital do Ministério das Comunicação e Coordenador de Gestão do Conhecimento e Avaliação do Programa GESAC. Na ECT foi Gerente de Diretoria, Assessor da Vice-Presidência, Assessor/Apoio Técnico (FAT) de Diretoria da Tecnologia e Infra-Estrutura e Analista de Sistema Sênior. Foi Chefe de Seção de Telecomunicações do Sistema Telebras. Foi Professor de Ensino Superior/ESAP/ECT, Professor Universidade Católica de Brasília e Professor do CEUB. Fez parte do Conselho Editorial do Programa GESAC/Ministério das Comunicações. Áreas de atuação e pesquisa: Ciências da Computação, Informação e Comunicação; Ensino de TIC; Sistemas Colaborativos; Informática e Sociedade; Web Semântica;

Inclusão Digital; Cidades Digitais; Competência em Informação, Redes Sociais e Avaliação de Programas de Inclusão Digital e Inovação.

Cláudia Maria de Oliveira – Graduada em História da Arte. Membro da Academia Brasileira de Contadores de Histórias, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Griôs*. Proprietária e gestora da Creche e Centro Educacional Reino Encantado, Vila Velha, Espírito Santo (ES).

Daniela Lucas da Silva Lemos – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), mestre em Ciência da Informação pela UFMG, especialista em Gestão Estratégica da Informação pela UFMG e graduada em Administração de Sistemas de Informação pela Faculdade de Sistemas de Informações Gerenciais da Una. Atualmente é professora adjunta e pesquisadora do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo. Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em organização da informação, representação do conhecimento e recuperação de informação, atuando principalmente nos seguintes temas: representação do conhecimento, ontologias, web semântica, linked data e descrição multimídia. Possui experiência na área de tecnologia da informação, com ênfase em bancos de dados, engenharia de software e análise e projeto de sistemas de informação.

David Renault da Silva - Graduado em Jornalismo, mestre em Comunicação e doutor em História, todos na UnB, tem Pós doutorado pela Universidade do Minho, Portugal. Professor do Departamento de Jornalismo FAC/UnB há 25 anos, foi professor responsável pela disciplina que produz o Campus, jornal-laboratório impresso do curso de Jornalismo da UnB, Campus Online, Técnicas de Jornalismo e Campus Repórter, entre outras. Foi coordenador de Ensino e Graduação da Faculdade de Comunicação (FAC), período em que coordenou a elaboração e implantação dos novos currículos das três

habilitações do curso de Comunicação. Professor Associado II, foi Diretor da Faculdade de Comunicação. Leciona atualmente as disciplinas Campus Repórter, Introdução ao Jornalismo, História do Jornalismo e Pré-Projeto em Jornalismo. Participa do programa de Pós-graduação da FAC, na linha de pesquisa Jornalismo e Sociedade e é líder do grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação.

Eduardo Valadares da Silva - Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na Escola de Ciência da Informação; Pesquisador do Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar (GEBE) da UFMG e Membro da Comissão de Bibliotecas Escolares do CRB 6ª Região. Graduado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Mestrado em Educação pela UFES e Doutorado (em andamento) em Ciência da Informação pela UFMG. Tem experiência na área de Biblioteconomia, com ênfase em Biblioteconomia Escolar, atuando principalmente com os seguintes temas: biblioteca escolar, narrativas e educação.

Elane Couto Uliana – Mestre em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (UFF), professora substituta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Elijance Marques dos Santos – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo. Ex-bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa “No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI”. Membro Externo do Projeto Informa-Ação e Cultura da Universidade Federal do Espírito Santo.

Elmira Luzia Melo Soares Simeão – Professora Associada e doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB),

com mestrado em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atua na área de editoração, formação de acervos e competência informacional. Exerce a direção da Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da UnB, sendo membro do Conselho de Ensino e Pesquisa da UnB (CEPE), Conselho de Administração (CAD) e Conselho Superior da UnB (CONSUNI). Professora na FCI, na graduação em Biblioteconomia e no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. Parecerista em várias revistas da área de Ciência da Informação. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Publicações Eletrônicas e Editoração, atuando principalmente nos seguintes temas de pesquisa: tecnologia da informação, editoração, comunicação, ciência da informação, informação e saúde, comunicação extensiva, competência em Informação e inclusão digital. Representante da Universidade de Brasília no convênio com a Universidad Complutense de Madrid (UCM), onde mantém contato com pesquisadores nos departamentos de Biblioteconomia e Ciência da Informação e Documentação da UCM. Líder do grupo de Pesquisa Competência Informacional certificado pelo Conselho Nacional de Pesquisa do Ministério de Ciência e Tecnologia (CNPq).

Fabiano de Oliveira Moraes – Professor Adjunto da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação. Doutor em Educação e mestre em Linguística e graduado em Letras-Português pela UFES. Como escritor, publicou livros infantis pelas editoras: Cortez, Paulinas, Universo da Literatura, Universo dos Livros, Mazza, Franco, Nova Alexandria, Imeph e Elementar, dois deles selecionados pelo MEC para o PNBE. Publicou livros técnicos pelas editoras Vozes e Cortez. Participou de mesas redondas, realizou apresentações artísticas como contador de histórias e ministrou oficinas no Brasil e no exterior. Idealizador e Coordenador do Portal Roda de Histórias pelo qual recebeu o Prêmio Culturas Populares

2007, pelo MinC. Participou da Oficina 'Brincando na Diversidade: Cultura na Infância' (MinC), contribuindo com a elaboração de diretrizes e ações do Plano Nacional de Cultura.

Fábio Vieira Pereira – Mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo em convênio com a Universidade de Vila Velha do Espírito Santo (PUC-SP/UVV-ES), especialista em Recursos Humanos pelo Centro Universitário FAESA (Faculdades Integradas Espírito-Santenses), Educação de Jovens e Adultos pelo Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e Filosofia e Psicanálise pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Graduado em Administração pela FAESA e Ciências Sociais pela UFES. Membro da Academia Brasileira de Contadores de História, do Grupo Planeta Contos e do Grupo Filhos de *Grios*.

Joyce Del Frari Coutinho - Gestora de Políticas Públicas e Gestão Governamental do Quadro de Carreira do Governo do Distrito Federal, concentra a sua trajetória profissional e especialização acadêmica no campo da comunicação pública e governamental. Graduação em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, possui formação pós-graduação *lato sensu*, na Universidade de Brasília (UnB), em Estratégias de Comunicação, Mobilização e Marketing Social e Estado e Sociedade Civil: Política e Gestão de Organizações Não-Governamentais. Atua na elaboração de planejamentos integrados de comunicação; articulação de estratégias e ferramentas de comunicação; redação e edição de conteúdos jornalísticos e institucionais; e gestão de projetos e equipes. Integra o projeto interdisciplinar de extensão Partilhar, da Faculdade de Comunicação da UnB, que visa desenvolver ações e criar produtos para a autonomia cidadã em rede. Trabalhou por 13 anos no Governo Federal, sendo 11 anos na Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República (Secom/PR), como Assessora Especial de

Planejamento e Articulação; um ano na Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM/PR), como Assessora de Imprensa, onde colaborou na concepção e organização do seminário *A Mulher e a Mídia*; e outro ano no Ministério da Educação (MEC), como Chefe da Assessoria de Comunicação Social. Na UnB, atuou por quatro anos, no Centro de Produção Cultural e Educativa (CPCE/FAC). Entre outras funções, na Secretaria de Comunicação Social do DF (Secom/DF), foi Chefe de Gabinete e Chefe de Redação da Agência Brasília.

Ingrid Simões Pereira – Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Iguatemi Santos Rangel – Professor adjunto I da Universidade Federal do Espírito Santo, atuando no Departamento de Linguagens, Cultura e Educação com disciplinas de fundamentos da educação e estágio supervisionado para os cursos de licenciatura. Possui graduação em Educação Física pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), mestrado e doutorado em Educação pela UFES. Atuou como professor da educação básica nas redes estadual e municipal de educação nas áreas de ensino de educação física e educação infantil. Trabalhou como gerente de formação de professores da Secretaria Estadual de Educação do Espírito Santo (ES). Atuou como tutor do Programa de Educação Tutorial (PET) de Licenciaturas. Coordenador do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Currículos, Culturas e Cotidianos (Nupec). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil e processos de formação continuada de professores da educação básica. Os temas de interesses e aprofundamento de estudos e pesquisas são: educação infantil, ensino de educação física escolar, formação continuada de professores e currículo.

Maira Cristina Grigoletto – Professora Adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) no Departamento de Arquivologia (Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas/CCJE). Doutora e Mestre em Ciência da Informação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (UNESP/Campus de Marília); Licenciada em História pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Atuou como pesquisadora junto ao Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba (IPPLAP) e Conselho de Defesa do Patrimônio Cultural de Piracicaba (CODEPAC). Foi professora de História e História da Arte na rede particular de ensino; pesquisadora e curadora na reestruturação do Museu Histórico e Pedagógico "Prudente de Moraes" (Piracicaba/SP). Possui experiência nas áreas de História, Educação, Ciência da Informação e Arquivologia, atuando principalmente na linha de produção e organização da informação.

Marcela Lopes Mendonça Coelho Amorim – Graduada em Biblioteconomia e Serviço Social pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), atualmente atuando como bibliotecária da Prefeitura Municipal de Vitória (PMV) na Secretaria de Educação de Vitória do Estado do Espírito Santo (ES).

Marcelo Souza de Jesus - Possui graduação em Administração com Habilitação em Análise de Sistemas pelo Instituto Compacto de Ensino Superior e Pesquisa e Especialização em Gestão de Pessoas, Master of Business Administration - MBA e Inteligência de Futuro de Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília. Atualmente é pesquisador bolsista da Fiocruz-Brasília e docente do curso de Administração do Centro Universitário IESB. Tem experiência na área de Administração, atuando principalmente nos seguintes temas: ciência da informação, governança, rede e informação. Projetos de pesquisa com foco na aplicação dos métodos de Análise de Redes Complexas e validação de metodologia para obtenção e tratamento

de informações estratégicas na área de Ciência, Tecnologia e Inovação. Apoiador na prospecção de futuro e planejamento institucional. Como pesquisador do Colaboratório de Ciência Tecnologia Sociedade da Fiocruz-Brasília Mapeia dados relacionados à gestão de incorporação de tecnologias em saúde, armazenados no SUS; analisa os dados do Sistema para elaboração de relatórios gerenciais; analisa dados do Sistema para definição e elaboração de indicadores e apresentação de propostas de monitoramento da Sustentabilidade do SUS. Participação no grupo de pesquisa Políticas Públicas em Saúde, do(a) Fundação Oswaldo Cruz e pesquisador no grupo de pesquisa Jornalismo e Memória na Comunicação, do(a) Universidade de Brasília

Márcia Helena da Silva Marques – Especialista em Direitos Humanos pelo Instituto Superior de Educação e Cultura Ulisses Boyd, graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Márcia Marques - Professora concursada do Curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Ciência da Informação e Mestre em Comunicação pela UnB, graduada em jornalismo pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Como integrante do GPCI, sou pesquisadora do campo de formação de competências para a informação e a comunicação em rede em ambientes digitais. No ensino, implementei disciplinas que relacionam transdisciplinarmente três campos do conhecimento: a Comunicação, a Informação e a Computação; para a gestão da memória e para o processo de aprendizado em rede. Também integro o grupo de pesquisa Gestão da Memória e Jornalismo, atualmente envolvido em duas investigações: a que orienta o desenvolvimento de tecnologias e soluções para a organização e acervamento da informação e conhecimento no CeDoc da FAC e a que faz o mapeamento dos veículos que produzem jornalismo independente, com objetivo de entender as novas conformações do processo de produção jornalística.

Maria Giovana Soares – Especialista em Gestão da Qualidade pela Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro (RJ). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Bibliotecária da Prefeitura Municipal de Cariacica (PMC) na Secretaria de Educação de Cariacica do Estado do Espírito Santo (ES).

Marta Leandro da Mata – Doutora em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação e Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/Campus de Marília), com período de doutorado sanduíche na Universidade Carlos III de Madrid. É professora Adjunta do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Líder do grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados". Tem experiência na área de Ciência da informação e Biblioteconomia, atuando, principalmente com os seguintes temas: competência em informação, fontes de informação, formação e atuação do bibliotecário, preservação em unidades de informação.

Meri Nadia Marques Gerlin – Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB), mestre em Educação e graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Como professora adjunta do Departamento de Biblioteconomia da UFES lidera o grupo de pesquisa "Competência em Informação e Processos Inter-relacionados" certificado pelo CNPq, tendo coordenado o projeto de pesquisa, recentemente finalizado, "No balanço das redes dos contadores de histórias: competências em informação do sujeito narrador no século XXI". Atualmente coordena as ações dos projetos de pesquisa "Competência leitora numa sociedade conectada por redes de colaboração" e extensionista "Informa-Ação e Cultura". Trabalha com uma diversidade de atividades relacionadas com os campos do ensino, da pesquisa e da extensão universitária,

intercambiando temas no âmbito da ação cultural, competência leitora, competência em informação, competência narrativa, multiculturalismo e serviço de referência e informação.

Mônica Regina Peres - Possui graduação em Biblioteconomia pela Universidade Federal de Goiás, mestrado em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente pela Universidade Federal de Rondônia e doutora na Faculdade de Ciência da Informação (FCI) da Universidade de Brasília (UnB) onde também atuou professora substituta no curso de Biblioteconomia. Atualmente é prestador de serviço da Fundação Getúlio Vargas, professora voluntária e bibliotecária da UnB onde atuou como assessora de direção na Biblioteca Central. Tem experiência em gestão de projetos e com Educação Superior, atuando principalmente nos seguintes temas: biblioteconomia, tecnologias na educação, eventos, gestão, educação, educação inclusiva e ciência da informação

Philippe Peterle Modolo – Especialista em Psicopedagogia Institucional e Gestão Escolar pela FAVENI (Faculdade Venda Nova do Imigrante) e pesquisador independente no campo da educação e cultura.

Renato Rocha Souza – Possui graduação em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina, doutorado em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais e pós-doutorado em Tecnologias Semânticas para Recuperação de Informação - University of Glamorgan, UK, sob supervisão de Douglas Tudhope e com bolsa do CNPQ. É atualmente professor e pesquisador da Escola de Matemática Aplicada (EMAp) da Fundação Getulio Vargas e professor colaborador da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tem experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Representação do Conhecimento e Recuperação de Informação, atuando principalmente nos seguintes temas: Sistemas de Recuperação

de Informações, Processamento de Linguagem Natural, Indexação Automática, Representação do Conhecimento, Ontologias, Gestão do Conhecimento. Tem também experiência em Tecnologia na Educação, Software Educativo e Ensino a Distância.

Silvana Soares Sampaio – Professora de Arte, contadora de histórias e escritora. Atua como contadora de histórias em escolas, lançamento de livros, seminários, bibliotecas, cursos de literatura infantil, Feiras Literárias com o objetivo de sensibilizar as pessoas sobre a importância do ato de ler. Foi membro do Comitê PROLER (programa de incentivo à leitura da Biblioteca Nacional) no Espírito Santo e durante este período fez vários cursos que deram maior fundamentação ao seu trabalho. Estudou na Fundação Armando Álvares Penteado–FAAP em São Paulo e possui especialização em Docência do Ensino Superior pela Universidade Candido Mendes. Publicou quatro livros de literatura infantojuvenil: Aventuras de um Vermelho Inquieto, Roda-Vida, Lendas Capixabas em Versos e Vento Sul, assim como contos, crônicas e poemas em antologias, revistas e jornais. Membro da Academia Feminina Espírito-Santense de Letras-AFESL, tendo ocupado a presidência dessa instituição durante o biênio 2012-2014. É também membro do Instituto Histórico Geográfico do Espírito Santo-IHGES.

Taiguara Villela Aldabalde – Professor e pesquisador da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) alocado no Departamento de Arquivologia. Mestre em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor na linha de investigação "Ciências da Informação: Arquivo, Biblioteca e Documentação" na Fundação de Cultura Fernando Pessoa (Universidade Fernando Pessoa).

Tatyane Mendes Ferreira - Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelo Centro Universitário de Brasília IESB e atualmente é repórter na editoria de sociedade do Portal de Notícias Metrôpoles. Tem

experiência na área de produção de textos jornalísticos para veículos impressos e digitais nas editorias de Política, Nacional, Educação, Economia e Formação Profissional e apuração de dados para pesquisas estatísticas, além de ligação com áreas de estudos sociais e literários. É integrante do projeto de pesquisa científica "Partilhar", trabalhando com a criação de um modelo pedagógico e o desenvolvimento da comunicação para facilitar a transmissão de conhecimentos entre os cidadãos e aumentando a participação cidadã deles. A pesquisa envolve as áreas de comunicação, educação, computação e tecnologias. Possui nível intermediário em espanhol e fluência em inglês.